

A formação do complexo corporativo metropolitano de São Paulo baseado na distribuição das sedes dos bancos de investimento (1966-2013)

Caio Zarino Jorge Alves
USP

p. 096-114

Como citar este artigo:

ALVES, C. Z. J. A formação do complexo corporativo metropolitano de São Paulo baseado na distribuição das sedes dos bancos de investimento (1966-2013). **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 22, n. 1, p. 096-114, mês. 2018. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/119331>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.119331>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 22 • nº 1 (2018)

ISSN 2179-0892

A formação do complexo corporativo metropolitano de São Paulo baseado na distribuição das sedes dos bancos de investimento (1966-2013)

Resumo

Como metrópole onipresente no território, São Paulo expressa sua condição de primazia sobretudo ao coordenar os ciclos de valorização do capital estruturados na rede urbana segundo uma divisão territorial do trabalho hierárquica. Essa gestão e esse controle do território se fazem especificamente a partir de seu centro metropolitano, composto pelo desdobramento do complexo corporativo, cujo ambiente construído intensivo em ciência, tecnologia e informação é atrativo para os serviços do setor quaternário da economia. Assim, procuramos identificar o processo dinâmico de formação do complexo corporativo da metrópole informacional de São Paulo pela análise da distribuição dos bancos de investimento no tecido urbano entre 1966 e 2013, ressaltando o deslocamento da principal centralidade de negócios do Centro Principal para o Centro Paulista, num primeiro momento, e, em seguida, deste para o Centro Berrini/Faria Lima.

Palavras-chave: Metrópole informacional de São Paulo. Complexo corporativo metropolitano. Bancos de investimento. Centros de gestão do território. Setor quaternário da economia.

The formation of São Paulo's metropolitan corporate complex based on the distribution of the investment banks' headquarters (1966-2013)

Abstract

São Paulo, as an omnipresent metropolis in the territory, expresses its pre-eminent condition mainly by coordinating the cycles of capital's valorization, that are structured in the urban network according to a hierarchical territorial division of labor. This territorial management and control is made specifically from its metropolitan center, composed by the unfolding of the corporate complex,

whose built environment – intensive in science, technology, and information – makes it attractive to the services of the quaternary sector of economy. Therefore, we will seek to identify the dynamic process of the corporate complex formation in the informational metropolis of São Paulo through the analysis of the investment banks’ distribution in its urban area, between the years of 1966 and 2013. Emphasizing, at first, the shift of the main centrality of business from the Main Center to the Paulista Center, and then from Paulista Center to the Berrini/Faria Lima Center.

Keywords: Informational metropolis of São Paulo. Metropolitan corporate complex. Investment banks. Territory management centers. Quaternary sector of the economy.

Introdução

Cientes de que “a defasagem com a qual os modos de produção impõem seus diferentes vetores sobre os diversos segmentos de espaço é responsável pelas diferentes idades dos múltiplos elementos ou variáveis do espaço em questão” (Santos, 2008b, p. 31-32), analisaremos a expansão do centro metropolitano de São Paulo como um processo forjado pela formação de seu complexo corporativo, atrativo aos serviços do setor quaternário da economia.¹ Para tanto, nos debruçamos sobre a distribuição dos bancos de investimento na estrutura urbana da metrópole de São Paulo ao longo de aproximadamente 40 anos (de 1966 a 2013).

Criados pela Reforma do Sistema Financeiro Nacional (RSFN) realizada em meados da década de 1960, os bancos de investimento foram identificados como os agentes financeiros prioritários para desenvolver o mercado de capitais do país na então recém-estabelecida divisão do trabalho bancário.

Ao terem as informações complexas e instáveis ao mesmo tempo como matéria-prima e produto, os bancos de investimento dependem do contato face a face como método pelo qual se dão as tomadas de decisões que coordenam os ciclos de valorização do capital dispersos segundo a hierárquica divisão territorial do trabalho. Para exercerem essa função de comando, os serviços do setor quaternário da economia têm as externalidades geradas pela concentração urbana como uma condição *sine qua non*, suprida por meio da contínua reestruturação de fragmentos específicos do tecido urbano. Dessa forma, pontos seletivos da estrutura urbana são destacados para incorporar um teor crescente das variáveis-chave do atual período (técnica, ciência e informação) e, assim, sediar os agentes hegemônicos que funcionalizam o “capitalismo dirigido pelas finanças”² (Guttmann, 2008) na dimensão da formação socioespacial.

1 “O setor quaternário caracteriza-se pela ação de conceber, criar, interpretar, organizar, dirigir, controlar e transmitir, com a colaboração do meio científico e técnico, conferindo a esses atos um valor econômico. Sua atividade dominante é a criação” (Tomelin, 1988, p. 37). Esses mesmos serviços são classificados por Saskia Sassen (2010) como serviços corporativos avançados, por Helena Kohn Cordeiro (1986-1987) como setor transacional e por Milton Santos (2008c) como agentes do circuito superior da economia urbana.

2 Também caracterizada como “acumulação flexível” (Harvey, 1992), a configuração atual do modo de produção

Dada a consolidação da primazia da metrópole informacional de São Paulo na rede urbana nacional, nos debruçamos sobre a formação do complexo corporativo metropolitano desse fundamental centro de gestão do território a partir da distribuição dos bancos de investimento em sua estrutura urbana. Com base na formulação de Cordeiro (1992, 1993) sobre a expansão do centro metropolitano de São Paulo a partir do desdobramento do complexo corporativo entre o Centro Principal, o Centro Paulista e o Centro Berrini/Faria Lima, analisaremos os dois importantes deslocamentos da centralidade mais dinâmica para o setor quaternário: (1) do Centro Principal para o Centro Paulista e (2) do Centro Paulista para o Centro Berrini/Faria Lima.

Composto pelo Centro Tradicional (área do Triângulo Histórico³) e pelo Centro Novo (área entre a praça Ramos de Azevedo e a praça da República), o microespaço da metrópole de São Paulo que Cordeiro (1992, 1993) denomina Centro Principal teve grande destaque na concentração espacial de sedes de empresas financeiras e não financeiras a partir das décadas de 1950 e 1960. No tocante à distribuição dos bancos de investimento, a predominância desse centro pode ser observada nos Mapas 1 e 2, referentes aos anos de 1966 e 1973, ainda que neste último já seja possível verificar indícios do desdobramento do complexo corporativo para o Centro Paulista.

Segundo Cordeiro (1992, 1993), a maior relevância do Centro Paulista pode ser constatada a partir da década de 1970. Quanto à distribuição dos bancos de investimento, a polarização engendrada por esse microespaço pode ser vista nos Mapas 3 e 4, referentes a 1988 e 1998, não obstante neste último ano haja tanto uma presença mais equilibrada das instituições nas três centralidades quanto uma tendência processual à predominância do Centro Berrini/Faria Lima.

Ainda conforme indicou Cordeiro (1992, 1993), o Centro Berrini/Faria Lima surge na década de 1980. Com base nos dados referentes à distribuição dos bancos de investimento, a hegemonia desse microespaço na cidade será indicada pelo mapa de 2013. Destaca-se nesse último período uma acentuada fragmentação do tecido urbano e uma presença intensa de instituições estrangeiras no mais dinâmico ponto de expansão do complexo corporativo do centro metropolitano de São Paulo.

A origem dos bancos de investimento no Brasil

A criação dos bancos de investimento no país se dá no bojo da RSFN de meados da década de 1960, cujo objetivo era forjar um mercado financeiro dinâmico como amparo à crescente (e, até então, “represada”) demanda por capital a médio e longo prazo para uma gama variada de atividades econômicas.

Em meio à ampla reestruturação promovida pela RSFN⁴ com o objetivo de superar as formas consideradas “obsoletas” de financiamento vigentes no país, foram atribuídas aos bancos de investimento importantes funções tanto no mercado de crédito quanto no mercado de capitais.

capitalista tem como elemento estruturante “a proeminência da finança [capital portador de juros] no seio do ‘capital em geral’” (Chesnais, 2010).

3 Os vértices dessa formação geométrica simbólica da área que compreende o primeiro centro dinâmico de gestão de São Paulo são três construções fundacionais: o Mosteiro de São Bento, a Igreja de São Francisco e o Pátio do Colégio. Tais vértices são ligados pelas ruas XV de Novembro, Direita e São Bento.

4 Os principais conteúdos normativos relativos à RSFN são de 1964, com instituição da correção monetária (Lei n. 4.357) e da Lei da Reforma Bancária (Lei n. 4.595), e de 1965, com a Lei do Mercado de Capitais (Lei n. 4.728). Já a Resolução n. 18 do Conselho Monetário Nacional, também editada em 1965, foi fundamental por detalhar as operações ativas e passivas atribuídas especificamente aos bancos de investimento na nova divisão do trabalho bancário.

No mercado de crédito, a especificidade das instituições em destaque é circunscrita pela disponibilização de financiamentos a longo prazo de capital fixo e de giro aos agentes econômicos, a partir da captação tanto de depósitos a prazo quanto de repasses de recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e de instituições estrangeiras.

Já quanto ao mercado de capitais, a posição ocupada pelos bancos de investimento na divisão do trabalho bancário o incumbe de realizar complexas operações de capitalização dos agentes econômicos na Bolsa de Valores (por meio, por exemplo, da oferta inicial de ações, do lançamento de títulos de dívidas e da constituição e administração de fundos de investimento), de oferecer serviços de assessoria em processos de fusões, aquisições e privatizações de empresas e de viabilizar lançamentos de títulos da dívida pública federal.

A topologia seletiva dos bancos de investimento e os centros de gestão do território

Para realizar essas funções previstas já em meados da década de 1960, a ação dos bancos de investimento depende da concentração espacial de um conjunto diversificado de serviços do setor quaternário da economia na medida em que demanda, entre outras coisas, diversas análises econômico-financeiras⁵ e técnicas desses outros agentes.

Se, conforme Corrêa (1996), essa aglomeração de serviços do setor quaternário em centralidades da estrutura urbana é um fenômeno característico dos “centros de gestão do território”, podemos estabelecer uma intrínseca relação entre a lógica locacional dos bancos de investimento e esse atributo eminentemente metropolitano.

É, portanto, a partir das economias de aglomeração⁶ formadas por “atividades financeiras, de seguros, imobiliárias, de consultoria, de serviços jurídicos, de publicidade, *design*, *marketing*, relações públicas, segurança, obtenção e gestão de sistemas de computação” (Borja; Castells, 1997, p. 36) que se engendra “uma atmosfera rica pela transferência constante de conjuntos de informações (em grande parte informais) a respeito das tecnologias, mercados e concepção de produto” (Scott et al., 2001, p. 15).

Dessa forma, apesar do intenso desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação – típica do meio técnico-científico-informacional –, as ações dos fixos geográficos que trabalham com “informações complexas sofisticadas” (Alexandre; Lima; Canuto, 2006, p. 260) para embasar tomadas de decisão efetivadas por meio do contato face a face ressaltam a importância da concentração urbana.⁷ De acordo com Lencioni (2008, p. 14),

5 Entre estas, estão as projeções de: (a) aceitação do mercado sobre produtos (materiais ou financeiros), (b) rentabilidade (determinação de volume e preço dos papéis a serem negociados em Bolsa, assim como o momento exato de lançá-los), (c) viabilidade técnica e econômica dos empreendimentos que motivam financiamento e/ou lançamento de títulos de dívidas e (d) riscos envolvidos em financiamentos e/ou operações no instável mercado de títulos e valores mobiliários.

6 Ao mesmo tempo em que se conformam em fragmentos seletivos dos centros de gestão do território, essas externalidades revelam o dado transacional (Cordeiro, 1986-1987) ou informacional (Santos, 2009b) como nova característica das metrópoles.

7 Já em 1968, Törnqvist asseverou que as informações associadas a decisões, planejamento de ações e resolução de problemas só podem ser transmitidas com eficiência a partir do contato face a face. Assim, por não poder ser rotinizada ou transmitida de forma mediada, este tipo de informação impõe a concentração espacial dos agentes econômicos que as recebem, processam e emitem. Numa formulação mais recente, focada no papel dos serviços corporativos avançados na configuração urbana contemporânea, Scott et al. (2001, p. 15) segue esse mesmo princípio ao afirmar que “os custos de transação sobem significativamente conforme as distâncias aumentam e, com a dispersão geográfica dos produtores, as ineficiências aparecem rapidamente”.

O contato próximo e imediato entre as pessoas possibilita decisões quanto aos acordos financeiros, às transações internacionais, às aplicações financeiras e aos contratos assinados. Por decorrência, já que esses serviços avançados requerem uma miríade de outros que gravitam em seu redor, aglomeram-se os serviços nas diversas centralidades da metrópole.

Portanto, a partir das economias de aglomeração geradas pela concentração espacial dos serviços corporativos avançados e, especialmente, as instituições financeiras – entre os quais estão os bancos de investimento – são concebidos, gerenciados e planejados os ciclos de reprodução do capital realizados de maneira dispersa, segundo a lógica da divisão territorial do trabalho que conforma a rede urbana do território.

Conforme destaca Corrêa (1989, p. 17), “o processo de criação, apropriação e circulação do valor, fundamental, mas não exclusivo, para a organização do espaço capitalista, passa necessariamente pela atividade financeira”. A importância da análise da distribuição de fixos geográficos relacionados à atividade financeira tem, portanto, destaque tanto na dimensão da rede urbana – quando nos detemos nos fluxos imateriais do território que conectam os reduzidos e concentrados pontos de tomada de decisão aos numerosos e dispersos pontos subordinados, que reproduzem, de forma rotinizada, a informação recebida – quanto na dimensão da estrutura urbana – quando nos focamos, por exemplo, no centro metropolitano de São Paulo, que aglomera sedes de bancos e se constitui como ponto de controle do início, fim e reinício dos ciclos de valorização do capital.

No próximo item, destacamos alguns fatores que embasam a caracterização da primazia da metrópole de São Paulo na rede urbana nacional para, em seguida, nos determos na formação de seu complexo corporativo metropolitano.

A primazia da metrópole informacional de São Paulo

A distribuição dos bancos de investimento no território brasileiro entre 1966 e 2013 corrobora a afirmação de que “a gestão empresarial dos grupos econômicos e das grandes empresas em rede priorizam a metrópole e, no caso brasileiro, prioriza a metrópole de São Paulo” (Lencioni, 2008, p. 14).

Se em 1973 a cidade de São Paulo concentrava 32% dos 41 bancos de investimento distribuídos em oito cidades brasileiras, em 1988 já passou a representar mais da metade (54%) das 48 instituições presentes em nove diferentes cidades. Dez anos depois (em 1998), o território brasileiro apresentava 22 bancos de investimento distribuídos em apenas cinco cidades, sendo que São Paulo concentrava 64% dessas instituições. Já em 2013, São Paulo representava aproximadamente 71% dos 14 bancos de investimento presentes em quatro cidades do território nacional (Alves, 2015).

Com base nos dados destacados acima, pode-se verificar a consolidação da primazia da metrópole informacional de São Paulo na rede urbana nacional a partir da topologia dos bancos de investimento.

Essa crescente importância adquirida por São Paulo como sede desses bancos no território deriva principalmente dos processos particulares pelos quais se realiza a reestruturação econômica e urbana no país: (a) desregulamentação econômica (por exemplo, pela criação dos bancos múltiplos), (b) liberalização financeira (entre outras coisas, pela participação de insti-

tuições estrangeiras de grande porte em processos de fusão, aquisição e privatização bancária) e c) do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (representado pelos esforços de integração imaterial do território iniciado pela criação do Ministério das Comunicações e que culmina no desenvolvimento de sistema de comunicação por satélite – Brasilsat I e II –, entre outras redes-suporte e das redes-serviço atreladas às tecnologias de informação e comunicação).⁸ Os efeitos desses fenômenos sintetizam-se no protagonismo do mercado como estruturador de redes urbanas que operam por meio de verticalidades e acontecimentos hierárquicos emanados por específicos centros de comando e controle do território; no caso brasileiro, principalmente por São Paulo (Alves, 2015).

Ao passo que a primazia da metrópole informacional de São Paulo é realçada pelo papel de comando e controle que este centro de gestão exerce no território,⁹ na dimensão intraurbana podemos avaliar que esses atributos se espacializam de maneira concentrada em poucos fragmentos, sendo notória a expansão de seu centro metropolitano ao longo dos anos. É esse o processo que buscaremos analisar nos seguintes itens do presente artigo.

A formação do complexo corporativo metropolitano de São Paulo

Para detalhar os fragmentos da metrópole de São Paulo que se apresentam como principais centralidades forjadas por um ambiente construído intensivo em técnica, ciência e informação, analisamos a evolução da topologia dos bancos de investimento em sua estrutura urbana. Conforme indica Cordeiro (1993, p. 324):

A metrópole, privilegiada pela concentração das atividades do sistema transacional, capaz de organizar o macroespaço, torna-se a principal emissora de decisões e inovações no sentido econômico, social, cultural e político. Dentro do espaço metropolitano, o centro é o exemplo mais significativo da organização micro-espacial desse sistema.

Em seus estudos, Cordeiro busca caracterizar os microespaços constituídos pela aglomeração de importantes sedes de empresas financeiras e não financeiras nacionais e estrangeiras (setor transacional, quaternário ou, ainda, circuito superior da economia urbana) como complexos corporativos do centro metropolitano de São Paulo. Assim, Cordeiro (1992, 1993) identifica o processo de expansão desse centro metropolitano ao longo das décadas por meio do deslocamento (“desdobramento espontâneo”) de núcleos/centros, que concentram espacialmente atividades que têm como pré-requisito o contato face a face para tomada de decisões significativas.

No caso de São Paulo, a autora identifica três principais centros deste complexo corporativo ao longo da história, ressaltando os períodos em que cada um é forjado:

1. Centro Principal (composto pelo Centro Tradicional – área do Triângulo Histórico – e pelo Centro Novo – da praça Ramos de Azevedo à praça da República) nas décadas de 1950 e 60;
2. Centro Paulista nos anos 70 do século XX;
3. Centro Berrini/Faria Lima a partir da década de 1980.

⁸ Essa diferença conceitual permite identificar como “rede-suporte” (redes de micro-ondas e satélites) o equipamento técnico de base do território que possibilita a fluidez das redes de transmissão de dados, caracterizadas como “redes-serviço” (Dias, 1996).

⁹ Segundo Corrêa (1989, p. 20), “a cidade de São Paulo desempenha, em realidade, um duplo papel na gestão do território nacional: de um lado, como centro efetivo de gestão e, de outro, como centro intermediário da gestão internacional”.

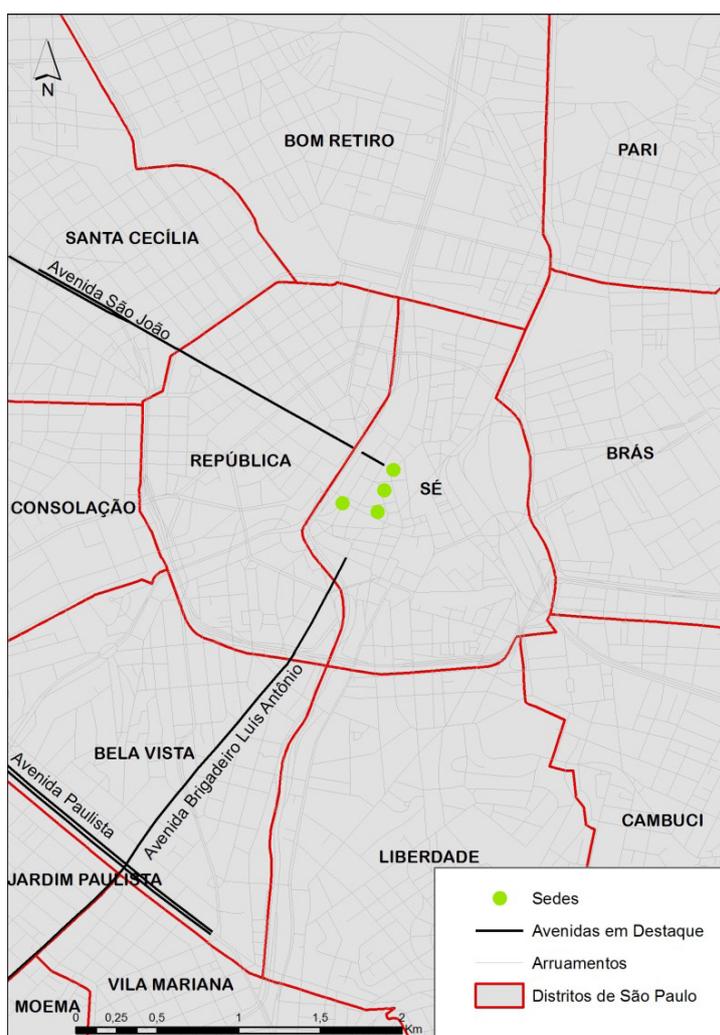
Em seguida, organizaremos nossa análise pela predominância de cada um dos centros do Complexo Corporativo da Metrópole de São Paulo no que se refere à distribuição dos bancos de investimento. Destacaremos também o processo de deslocamento da principal centralidade, verificado duas vezes: do Centro Principal para o Centro Paulista, e do Centro Paulista para o Centro Berrini/Faria Lima. Em ambos os casos o fenômeno se manifesta a princípio como uma tendência e, em seguida, pela consolidação dos indícios esboçados anteriormente.

Centro principal

Até o final da década de 1960, o centro metropolitano de São Paulo tinha o Centro Principal como o microespaço centralizador, “onde era exclusiva [...] a City de São Paulo no Triângulo do Centro Antigo” (Cordeiro, 1992, p. 11).

Para o caso específico das instituições aqui estudadas, em 1966 – primeiro ano em que os bancos de investimento atuaram no país –, há plena concentração espacial na área do chamado Centro Tradicional do município (Mapa 1).

Mapa 1 – São Paulo: sedes de bancos de investimento em 1966



elaboração cartográfica: Raphael Curioso.
organização dos dados: Caio Zarino Jorge Alves.
fonte: Revista Bancária Brasileira (1966).

Os bancos de investimento instalados na cidade de São Paulo (quatro no total, segundo dados da *Revista Bancária Brasileira* de dezembro de 1966) ficavam nas ruas Líbero Badaró, XV de Novembro, Álvares Penteado e João Brícola, nas imediações do chamado Triângulo Histórico.

À época, essa área se postulava como a mais importante centralidade da cidade, configurada por intenso dinamismo do comércio, consumo e serviços, além de atividades de comando e controle decorrentes, originariamente, da conversão do capital acumulado a partir da economia cafeeira em outras atividades (importação/exportação, comércio, banco etc.) (Monbeig, 2004; Martins, 2004).

Isso porque se, por um lado, o Plano de Avenidas implementado pela gestão de Prestes Maia (1938-1945) foi uma “proposta global que abrangia sistema viário, circulação e transportes, além de diretrizes para embelezamento e arruamento, zoneamento, expansão urbana e legislação tributária” (Frúgoli Jr., 2000, p. 53), por outro, reafirmou a centralidade do Centro Tradicional ao firmá-lo como “ponto nodal do complexo sistema viário da cidade” (Frúgoli Jr., 2000, p. 55). Assim, podemos concluir que o centro metropolitano de São Paulo era enxuto em função de, à época, seu complexo corporativo se basear em um único ponto ou microespaço (monocêntrico).

Já em 1973, dos treze bancos de investimento com sede em São Paulo, conseguimos obter o endereço de doze instituições na edição de dezembro de 1973 da *Revista Bancária Brasileira*. Enquanto o Centro Principal concentra dez instituições, o Centro Paulista abriga duas (Mapa 2).

Mapa 2 – São Paulo: sedes de bancos de investimento em 1973



elaboração cartográfica: Raphael Curioso.
organização dos dados: Caio Zarino Jorge Alves.
fonte: Revista Bancária Brasileira (1973).

Ainda que o Centro Principal – como proposto na definição de Cordeiro (1992, 1993) – apareça com enorme relevância para atração desses fixos geográficos, já se há sinais da expansão do centro metropolitano de São Paulo a partir do desdobramento do complexo corporativo no sentido do Centro Paulista, abrangendo avenida Paulista e seus arredores, como os corredores de serviços metropolitanos formados pela rua Augusta e avenidas Brigadeiro Luís Antônio, Nove de Julho e Rebouças.

Acredita-se que esses dados estejam relacionados, por um lado, ao peso da base material pré-existente e consolidada do Centro Principal e, por outro, à conformação de um novo polo dinâmico que contemple novas exigências infraestruturais para a funcionalização dos agentes mais dinâmicos da economia no Centro Paulista. Ainda de acordo com Cordeiro (1992, p. 11), “nessa data, o Centro Paulista estava em início de formação e à avenida Paulista já ocorriam sedes de várias empresas [...]. Fugindo ao Centro Principal, muito saturado, os escritórios centrais das grandes empresas buscam áreas de maior prestígio”.

O deslocamento das atividades de comando e controle do território decorre também dos novos usos do espaço muito mais ligados à economia popular que passam a se dar na primeira centralidade. Esse processo “foi concomitante ao início da evasão de empresas e bancos para outros subcentros, à deterioração de parte de seus equipamentos urbanos e ao declínio de seu valor imobiliário” (Frúgoli Jr., 2000, p. 61).

Centro paulista

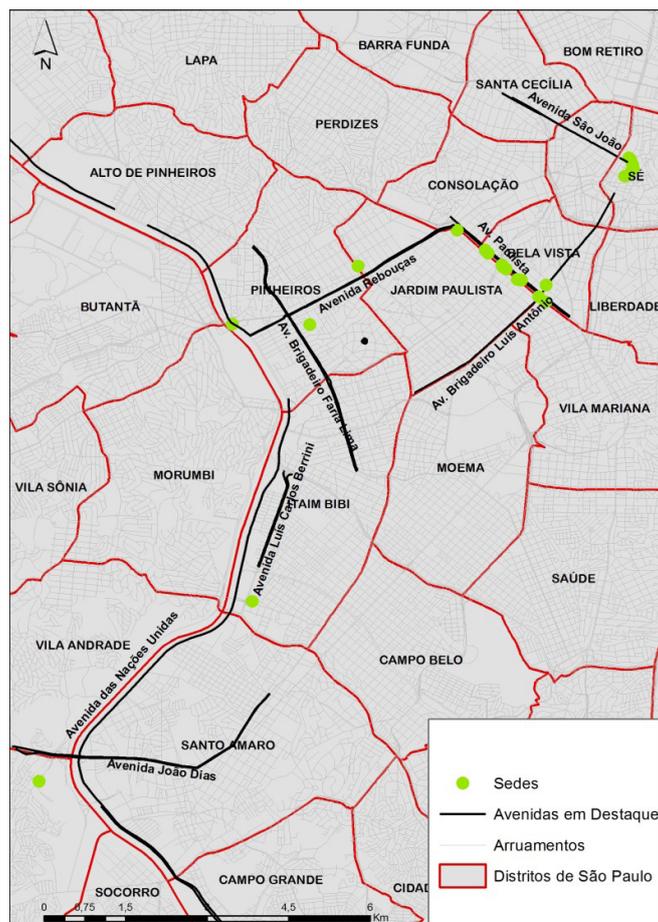
A predominância do Centro Paulista na topologia dos bancos de investimento em São Paulo pode ser constatada em 1988. Nesse ano, os 26 bancos de investimento presentes na estrutura urbana de São Paulo se distribuíam de maneira desigual entre, principalmente:

Centro Paulista (onze só na própria avenida Paulista, sendo que a estes se somam três em seus arredores – dois na av. Brigadeiro Luiz Antônio e um na avenida Henrique Schaumann), com 14 bancos;

Centro Principal (seis na rua Boa Vista, um na rua XV de Novembro um na rua Álvares Penteado), com oito instituições.

A consolidação do Centro Paulista como principal centralidade atrativa para os bancos de investimento – e para o setor quaternário da economia como um todo, visto que os conteúdos desses fixos geográficos estão associados a outras atividades sofisticadas por meio de sinergias e contato face a face – pode ser observada no Mapa 3, que parece confirmar a efetivação dos sinais apresentados em 1973 quanto à expansão do centro metropolitano de São Paulo a partir do deslocamento de seu complexo corporativo.

Mapa 3 – São Paulo: sedes de bancos de investimento em 1988



elaboração cartográfica: Raphael Curioso.
organização dos dados: Caio Zarino Jorge Alves.
fonte: BCB (1988).

Se até a década de 1930 a avenida Paulista tinha como uso predominante as moradias suntuosas de fazendeiros do café (dada a sua proximidade do Centro Principal, onde estavam dispostos os escritórios de exportação de café e os bancos), a partir de 1940 inicia-se o processo de verticalização das construções e diversificação dos usos, intensificado na década de 1970, com a implementação, mesmo que parcial, do Projeto Nova Paulista (1968-1974).¹⁰ Esse quadro simboliza justamente o desdobramento do centro da metrópole de São Paulo entre o Centro Principal e o Centro Paulista (avenida Paulista e corredores de serviços metropolitanos – avenidas Brigadeiro Luís Antônio, Rebouças, Nove de Julho, Brasil e Faria Lima). Segundo Frúgoli Jr. (2000, p. 130):

O crescimento comparativo das sedes do setor financeiro entre o Centro Principal e o Centro Paulista pode dar uma ideia do crescimento do último: das 89 sedes de bancos no estado de São Paulo, em 1968, 70 estavam no Centro Principal, na área do Triângulo; no final dos anos 70, 81,1% desse total ainda estavam no Centro Principal, mas o Centro Paulista já contava com 16,6%; já em 1987, havia 50 sedes no Centro Principal e 80 no Paulista.

¹⁰ Conjunto de alterações infraestruturais que “adaptaram” a área para receber sedes de atividades de comando e controle (Frúgoli Jr., 2000).

Assim como em 1973 a predominância do Centro Principal era concomitante aos sinais da expansão do centro metropolitano de São Paulo para o Centro Paulista, em 1988 a maior participação desse último quanto ao número de sedes dos fixos geográficos estudados é simultânea a indícios de um novo desdobramento do complexo corporativo, desta vez para o Centro Berrini/Faria Lima. Isso porque, como afirmou Cordeiro (1992, p. 9),

Na década de 80, com o fortalecimento da cadeia de “cidades mundiais” e a expansão das grandes empresas estatais, conglomerados industriais e financeiros privados nacionais e internacionais, o Centro Paulista já não é suficiente para atender às necessidades da implantação do seu sistema de gestão e decisão.

Dois bancos de investimento tinham suas sedes no mais novo vetor de expansão do centro metropolitano a partir do complexo corporativo (Centro Berrini/Faria Lima),¹¹ sendo que um deles, o Banco Santista de Investimento S.A., funcionava no Centro Empresarial São Paulo (Cenesp), novo paradigma em termos de condições infraestruturais oferecidas, em correspondência com uma demanda mais sofisticada por parte dos agentes hegemônicos.

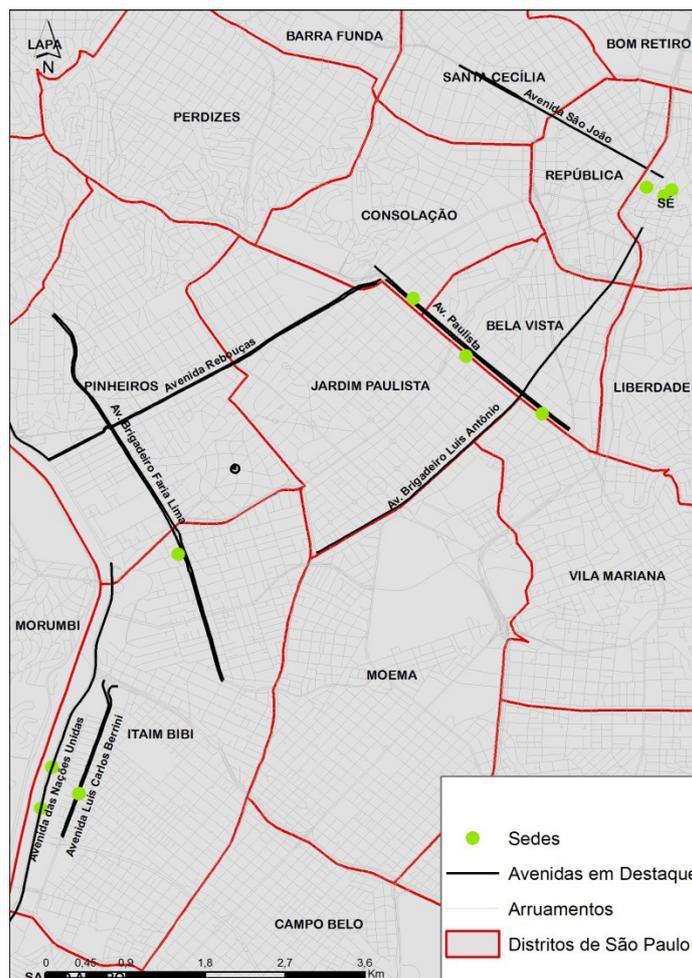
Por meio da criação da empresa Lubeca Empreendimentos Imobiliários, o grupo argentino Bunge y Born viabilizou a construção do Cenesp como um complexo constituído por cinco edifícios com considerável oferta de serviços (de sistema de telecomunicações interno a restaurantes, farmácia e livraria). Inaugurado em 1977, o grupo argentino reuniu suas próprias empresas, antes sediadas na rua Boa Vista (no Centro Principal), agora no Cenesp (Centro Berrini/Faria Lima).

Segundo Fix (2012, p. 87), a localização do Cenesp indica que “o Centro era considerado ‘deteriorado’ e a Paulista e a Faria Lima já indicavam ‘excesso de crescimento’”. Cordeiro (1992, p. 11) ressalta este mesmo fenômeno ao constatar “o desenvolvimento de uma nova área de concentração de sedes de empresas a sudoeste do centro metropolitano, na direção apontada pela expansão da avenida Faria Lima”. Além disso, a mesma autora também considera marcos dessa expansão justamente “a instalação do Centro Empresarial São Paulo, em 1977, e o corredor da avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, no Brooklin, explorado pela empresa imobiliária e construtora Bratke Collet”.

Em continuidade ao processo de expansão do centro metropolitano de São Paulo a partir do deslocamento de seu complexo corporativo (constituído pelos microespaços com densidade de sedes de agentes hegemônicos da economia transacional e atividades correlatas), em 1998 se revela uma perda de importância relativa tanto do Centro Principal quanto do Centro Paulista, enquanto o Centro Berrini/Faria Lima (o setor/quadrante sudoeste), apresenta um incremento de sua participação. Mesmo com essas alterações, a mais nova centralidade do setor quaternário da economia não tem destaque em termos absolutos, visto que abriga quatro instituições, enquanto as outras duas têm quatro e três sedes, respectivamente (Mapa 4).

¹¹ As outras duas instituições tinham sede nas proximidades da av. Rebouças: uma perto do cruzamento desse eixo com a av. Faria Lima e outra perto da ponte Eusébio Matoso (Mapa 3).

Mapa 4 – São Paulo: sedes de bancos de investimento em 1998



elaboração cartográfica: Raphael Curioso.
organização dos dados: Caio Zarino Jorge Alves.
fonte: Revista Bancária Brasileira (1998).

Esse é o período em que o caráter policêntrico do Complexo Corporativo da Metrópole de São Paulo aparece com contornos mais definidos a partir distribuição dos bancos de investimento entre o Centro Principal, Centro Paulista e Centro Berrini/Faria Lima.¹²

Porém, ao considerarmos essa topologia bancária de 1998 como parte de um processo dinâmico de reordenamento do complexo corporativo do centro metropolitano de São Paulo, deve-se sublinhar que a maior dispersão das sedes de serviços do setor quaternário é consequência tanto da crescente atratividade exercida pelo setor sudoeste quanto da perda relativa de importância do Centro Principal e do Centro Paulista.

Centro Berrini/Faria Lima

Por fim, em 2013 a capital paulista reafirma sua condição de primazia ao representar aproximadamente 71% das sedes dos bancos de investimento instaladas no país – o que corresponde a 10 de um total de 14 instituições (Alves, 2015).

¹² Esta análise deriva de dados sobre a localização de 11 dos 14 bancos de investimento sediados na metrópole de São Paulo em 1998, pois a *Revista Bancária Brasileira* de dezembro de 1998 não dá o endereço preciso dos outros três.

Na dimensão intraurbana, a etapa mais recente de expansão do centro metropolitano com base no desdobramento do complexo corporativo da metrópole de São Paulo se dá com a predominância do Centro Berrini/Faria Lima. Essa centralidade é a expressão mais evidente do caráter seletivo e fragmentário com que a modernização contemporânea se realiza no tecido urbano da metrópole paulistana na medida em que concentra espacialmente os agentes hegemônicos estrangeiros com estratégia de ação global.¹³

Por um lado, essa estrutura urbana apresenta distritos com alta concentração de população empobrecida, desassistida de equipamentos públicos básicos associados ao cotidiano na cidade e dependentes de atividades econômicas com baixo teor de capital, organização e tecnologia. Por outro lado, há pontos restritos que são adaptados, por meio da aliança estratégica¹⁴ do Estado, de fundos de pensão e de incorporadores imobiliários (Fix, 2007, 2012), para receber instalações de agentes hegemônicos intensivos em capital, organização e tecnologia; é a partir destes pontos mais restritos que se estabelece significativa conectividade com outros pontos específicos de cidades forâneas. Ou seja, na modernização contemporânea,

O que se transforma ou que se “adapta” não é São Paulo, mas apenas uma parte da cidade, na qual se concentram a maior parte dos recursos, tanto públicos como privados. É desse modo que se consegue delinear por aqui o *skyline* característico das cidades que procuram se projetar mundialmente. Recria-se num país periférico, dentro de uma grande metrópole desigual, uma cidade semelhante à dos países centrais, embora de dimensões mais modestas (Fix, 2012, p. 123).

A análise intraurbana da metrópole informacional a partir da distribuição das sedes dos bancos de investimento parece corroborar tanto a tese da acentuada fragmentação de seu tecido urbano pela concentração espacial dos serviços quaternários no Centro Berrini/Faria Lima ou setor sudoeste (Mapa 5) quanto o caráter altamente internacionalizado da principal centralidade do complexo corporativo da metrópole.

13 É justamente essa estratégia de ação global dos serviços corporativos avançados que Peter Taylor (2001), diretor do Globalization and World Cities Research Network (GaWC), define como critério para formular sua proposta de rede concatenada de cidades mundiais em três níveis: o supranodal (economia-mundo), o nodal (cidades mundiais) e o subnodal (produtores globais de serviços com alto valor agregado), sendo este último nível o que comporta os agentes-chave, e não a dimensão nodal (das cidades mundiais).

14 Sobre a divisão do trabalho entre os agentes que remodelam fragmentos específicos da cidade e suas consequências, Fix (2012, p. 132) argumenta que “enquanto a ‘nova cidade’ é custeada basicamente pelo Estado (infraestrutura) e por capital privado nacional (a maior parte dos novos edifícios de escritório de grande porte são dos fundos de pensão brasileiros), ela é ocupada (ou melhor, alugada) pelas empresas ‘transnacionais’”.

Mapa 5 – São Paulo: sedes de bancos de investimento em 2013



elaboração cartográfica: Raphael Curioso.
organização dos dados: Caio Zarino Jorge Alves.
fonte: BCB (2013).

Oito dos dez bancos ficam na própria av. Brigadeiro Faria Lima (é o caso de quatro deles) ou nos arredores de sua extensão. As outras duas instituições ficam na alameda Santos, paralela à av. Paulista.

O destaque desse quadrante sudoeste se apresenta como plena realização do que era uma tendência já desenhada em 1988 e, posteriormente, em 1998, quando a distribuição dos bancos de investimento se dividia entre o Centro Berrini/Faria Lima (quadrante sudoeste), o Centro Paulista e o Centro Principal: a consolidação do primeiro como principal centralidade do complexo corporativo do centro metropolitano de São Paulo, tornando-se o epicentro do comando das atividades capitalistas no território. Além disso, esta centralidade se caracteriza pela ampla preferência locacional dos bancos de investimento estrangeiros que, em sua estratégia de atuação global, decidiram se fixar neste fragmento da metrópole: todas as sedes dos bancos de investimento com controle estrangeiro presentes no território nacional em 2013 (sete instituições) ficam no Centro Berrini/Faria Lima (Quadro 1).

Quadro 1 – São Paulo: tipo de controle dos bancos de investimento em 2013

instituição	TC*	CCMSP**
Banco Stantard de Investimento S.A.	PNCE	Berrini/Faria Lima
Standard Chartered Banco de Investimento S.A.	PNCE	Berrini/Faria Lima
BBVA Brasil Banco de Investimento S.A.	PNCE	Berrini/Faria Lima
BES Investimento do Brasil S.A.	PNCE	Berrini/Faria Lima
BANIF Banco de Investimento (Brasil) S.A.	PNCE	Berrini/Faria Lima
Banco de Investimentos Credit Suisse (Brasil) S.A.	PNCE	Berrini/Faria Lima
Banco UBS de Investimento S.A.	PNCE	Berrini/Faria Lima
BR Partners Banco de Investimento S.A.	PN	Berrini/Faria Lima
Banco Alfa de Investimento S.A.	PN	Paulista
Banco Induscred de Investimento S.A.	PN	Paulista

* TC (tipo de controle): PNCE – privado nacional com controle estrangeiro; PN – privado nacional; PF – público federal.

** Centro do complexo corporativo metropolitano de São Paulo.

fonte: Histórico de Instituições Financeiras sem Consórcio e Cooperativa (BCB, [s.d.]).

Assim, a constituição especificamente do Centro Berrini/Faria Lima em relação à cidade vista como um todo nos permite identificar a desigualdade do teor de ciência, tecnologia e informação embutida no ambiente construído da dimensão intraurbana. Conforme assinala Milton Santos (2013, p. 71-72):

À cidade como um todo, teatro da existência de todos os seus moradores, superpõe-se essa nova cidade moderna, seletiva, cidade técnico-científica-informacional, cheia das intencionalidades do novo modo de produzir, criada (na superfície e no subsolo, nos objetos visíveis e nas infraestruturas) ao sabor das exigências sempre renovadas da ciência e da tecnologia. Espaço minoritário dentro da aglomeração, espaço não dominante do ponto de vista da extensão, ele é, todavia, o espaço dominador dos processos econômicos e políticos, cuja lógica implacável se sobrepõe e comanda a dos demais subespaços quantitativamente dominantes na paisagem, mas qualitativamente subordinados quanto às funções.

Considerações finais

Se na escala da rede urbana é possível estabelecer uma associação rigorosa entre a topologia dos bancos de investimento e os centros de gestão do território – dadas as funções que cumprem esses fixos geográficos – por meio desta investigação, podemos concluir que há também uma importante aglomeração dinâmica desses serviços do setor quaternário na dimensão da estrutura urbana da metrópole informacional de São Paulo.

Dependendo da sinergia entre diferentes agentes hegemônicos para tomar decisões com base em informações complexas (que envolvem alto risco e instabilidade), o contato face a face permanece como *modus operandi* central para a criação, concepção e emanção de ordens com alto teor de ciência, tecnologia e informação. Essas se originam em fragmentos específicos da cidade reestruturados de acordo com as modernas necessidades infraestruturais para

abrigar as sedes dos serviços corporativos avançados em “edifícios inteligentes”. São esses os aspectos que identificamos como alguns dos motores da expansão do centro da metrópole de São Paulo entre o Centro Principal, Centro Paulista e o Centro Berrini/Faria Lima.

Em 1966 e 1973, verificou-se o predomínio do Centro Principal como fragmento do tecido urbano mais atrativo para as sedes dos bancos de investimento: sua distribuição em seu primeiro ano de funcionamento indica um complexo corporativo da metrópole restrito ao Centro Principal, enquanto em 1973 deu sinais de deslocamento para o Centro Paulista.

Já em 1988 e 1998, a maior importância do Centro Paulista é concomitante, por um lado, a sinais de perda relativa da participação do Centro Principal e, por outro, à tendência de mudança da centralidade predominante para o Centro Berrini/Faria Lima.

Por fim, em 2013, vimos o complexo corporativo da metrópole passar a ser polarizado pelo Centro Berrini/Faria Lima, ou setor sudoeste, com todas as instituições com controle estrangeiro no país presentes nessa porção específica do tecido urbano.

A configuração dessas centralidades que compõem o complexo corporativo do centro da metrópole contrasta com o resto da cidade pelo elevado grau de ciência, tecnologia e informação presente no ambiente construído. Mas, perante a rigidez dos objetos, a flexibilidade de ação por parte dos que descobrem sua situação social e geográfica pela dificuldade de acesso a bens e serviços mínimos essenciais à dignidade humana pode se desdobrar num quadro de instabilidade. Nesse processo, a tomada de consciência do indivíduo, que tem seu valor formado em função de um cotidiano situado no território concreto, reverbera no rompimento com a práxis repetitiva, reificada, da ação humana como mero instrumento, para elaboração de uma práxis libertadora.

Com toda a complexidade e as contradições intrínsecas a processos de mobilização massiva, as manifestações de junho de 2013 têm como pressuposto que a cidade não é apenas palco de atos públicos reivindicatórios, mas também objeto de disputa de uma distribuição menos desigual de recursos. Parte dessa compreensão pode ser captada pelo fato de o trajeto dessas manifestações ter abrangido o Centro Berrini/Faria Lima, onde está grande parte das sedes de bancos de investimento e agentes hegemônicos em geral, símbolos da urbanização corporativa vigente, cujas diretrizes têm sido confrontadas pelos movimentos sociais urbanos.

Referências

- ALEXANDRE, M.; LIMA, G.; CANUTO, O. Determinantes das decisões locacionais da atividade financeira. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 243-263, 2006.
- ALVES, C. **A topologia dos bancos de investimento no Brasil**: primazia urbana e formação do complexo corporativo metropolitano de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BCB. BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório Anual**. Brasília, DF, 2013.

- BCB. BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Financeiro Nacional:** Dados Estatísticos e Gerais. Diretoria de Fiscalização. Departamento de Cadastro e Informações. Brasília, DF: 30 jun. 1988.
- BCB. BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relação de Instituições em Funcionamento no país. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/fis/info/instituicoes.asp?idpai=INFCAD>. Acesso em: 2 abr. 2018.
- BORJA, J.; CASTELLS, M. **Local y global:** la gestión de las ciudades en la era de la información. Madrid: Santillana/Taurus, 1997.
- CHESNAIS, F. A proeminência da finança no seio do “capital em geral”, o capital fictício e o movimento contemporâneo de mundialização do capital. In: Brunhoff et al. (Org.). **A finança capitalista**. São Paulo: Alameda, 2010. p. 95-182.
- CONTEL, F. A internalização da categoria “informação” na geografia econômica: da teoria da localização à escola de geografia sueca. In: VIDEIRA, S. L.; COSTA, P. A.; FAJARDO, S. (Org.). **Geografia econômica: (re)leituras contemporâneas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011. v.1. p. 67-86.
- _____. **Território e finanças:** técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CORDEIRO, H. K. A “cidade mundial” de São Paulo e o complexo corporativo do seu centro metropolitano. In: SANTOS, M. et al. (Org.). **O novo mapa do mundo:** fim do século e globalização. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1993. p. 318-331.
- _____. A “cidade mundial” de São Paulo e a recente expansão do seu centro metropolitano. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 54, n. 3, p. 5-26, 1992.
- _____. Os principais pontos de controle da economia transacional no espaço brasileiro. **Boletim da Geografia Teorética**, v. 16-17, n. 31-34, p.154-196, 1986-87.
- CORRÊA, R. L. Os centros de gestão do território: uma nota. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n.1, v.1, p. 23-30, 1996.
- _____. Concentração bancária e os centros de gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 51, n. 2, p. 17-32, 1989.
- DIAS, L. C. Redes eletrônicas e novas dinâmicas do território brasileiro. In: CASTRO, I. et al. (Org.). **Brasil:** questões atuais de reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996. p. 115-144.
- DIAS, L.; LENZI, M. H. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. **Caderno CRH – Finanças, Política e Território**, Salvador: CRH/Ufba, v. 22, n. 55, p. 97-117, 2009.
- FIX, M. **Parceiros da exclusão:** duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2012[2001].

- _____. **São Paulo cidade global:** fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FRÚGOLI JR., H. **Centralidade em São Paulo:** trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000.
- GUTTMANN, R. Uma introdução ao capitalismo dirigido pelas finanças. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 82, p. 11-32, 2008.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- LENCIONI, S. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. **Revista de Geografia Norte Grande**, Santiago-CL, v. 39, p. 7-20, 2008.
- _____. Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) e transformações industriais. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: FFLCH-USP, n. 12, p. 27-42, 1998.
- MARTINS, J. S. **O cativo da terra.** São Paulo: Hucitec, 2004[1978].
- MEDEIROS, D. S.; SPOSITO, E. S. A territorialização do sistema bancário na metrópole paulistana. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 17, p. 121-132, 2005.
- MONBEIG, P. O crescimento da cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, T. (Org.). **História econômica da cidade de São Paulo.** São Paulo: Globo, 2004[1953]. p. 14-115.
- REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, v. 66, n. 786, dez. 1998.
- REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, v. 42, n. 492, dez. 1973.
- REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, v. 35, n. 408, dez. 1966.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Edusp, 2013[1994].
- _____. **Por uma economia política da cidade:** o caso de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2009a[1994].
- _____. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Edusp, 2009b[1993].
- _____. **Metrópole corporativa fragmentada:** o caso de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2009c[1990].
- _____. **A natureza do espaço.** São Paulo: Edusp, 2008a[1996].
- _____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: _____. (Org.). **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2008b[1977].
- _____. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2008c[1975].
- _____. O retorno do território. In: SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território:** globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994. p. 15-20.

- SASSEN, S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010[2007].
- SCOTT, A. J. et al. Cidades-regiões globais. **Revista Espaço & Debates**, São Paulo, n. 41, p. 11-25, 2001.
- SILVA, A. A nova divisão territorial do trabalho brasileira e a produção de informações na cidade de São Paulo (as empresas de consultoria). In: SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 413-432.
- TAVARES, M.; CAMPOS, R. **Bancos de investimento: estrutura e funcionamento**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais, 1974.
- TAYLOR, P. Specification of the world city network. **Geographical Analysis**, v. 33, n. 2, p. 181-194, 2001.
- TEIXEIRA, N. G. **Origens do sistema multibancário brasileiro: das reformas dos anos 60 à crise dos anos 80**. Campinas, SP: Instituto de Economia/Unicamp, 2000.
- TOMELIN, M. **O quaternário: seu espaço e poder**. Brasília, DF: Ed. UnB, 1988.
- TÖRNSQVIST, G. Flows of information and the location of economic activities. **Geografiska Annaler**, v. 50, n. 1, p. 99-107, 1968. Series B: Human Geography.